

Estética da Existência na Pedagogia Teatral

Ms. Prof^a Tânia Cristina dos Santos Boyl

Universidade de Sorocaba

Palavras-chave: Processo colaborativo, pedagogia teatral, cuidado de si.

Neste trabalho nos propomos a pensar, mesmo que brevemente, a experiência da proposta do processo colaborativo inserida na pedagogia teatral na formação do professor-artista. Um experimento onde as formas rígidas do fazer teatral tradicional são questionadas. Para compreender o modelo educacional da sociedade moderna na qual são formados os futuros professores seguiremos o pensador Michael Foucault.

Em nossa sociedade hoje, segundo Judith Revel (2006), vivemos o cuidado do outro como um governo do outro, um exercício de poder voltado para o controle, para o domínio das vontades e repressão. Porém, como mostra Foucault, o cuidado do outro no mundo antigo grego estava num contexto de prática de liberdade, e não de repressão ou de governamentalidade.

Para Foucault (1988), foi na sociedade moderna quando surgiram as instituições de seqüestro como a escola que o indivíduo passou a ser confinado e disciplinado num processo de subjetivação que é o assujeitamento, pois é externo, guiado por regras, leis e prescrições, constituindo sujeitos para uma máquina social de produção e de reprodução.

Com a intenção de compreender os modos de produzir a subjetivação na constituição dos indivíduos em sujeitos, Foucault (1994) estudou a história através da compreensão de três momentos históricos. Primeiramente, no período socrático-platônico, Foucault (1994) ressalta que no pensamento da sociedade grega o “código moral” era compreendido como a maneira pela qual cada um devia constituir a si mesmo. No mundo antigo, não havia leis codificadas que exigiam a austeridade em relação às condutas de cada um, fossem civis, sociais ou religiosas. A austeridade moral estava inscrita num espaço de atenção moral independente, sem a incidência de regras que proibissem ou restringissem os atos. Havia liberdade de ação do indivíduo no seu processo de constituição. Naquela sociedade era preciso aprender sobre si mesmo para que fosse possível dedicar-se a cuidar dos outros, a conduzi-los. O princípio moral do cuidar-se era compreendido com a base da ação política na condução da cidade. O domínio de si era guiado por uma atitude de combate a adversários (desejos) que estavam dentro do próprio indivíduo. O resultado final desse combate seria um sujeito moral capaz de dominar-se com moderação e sabedoria no agir.

Enfim, para os gregos, na constituição de cada indivíduo colaboravam a liberdade e o conhecimento. Liberdade no sentido de cada um ser o senhor de si e dos seus atos e não escravo de seus desejos. E conhecimento na relação com a sua verdade, conhecendo-se e concebendo um tipo

de dominação sobre si mesmo. Esse trabalho sobre si permitia estilizar a liberdade através de considerações úteis, e não regras ou leis. Considerações que o indivíduo poderia seguir num processo de escolha dando a forma mais bela possível a sua própria constituição. Era, pois numa relação ética de liberdade consigo mesmo que o indivíduo podia formar a sua estética da existência.

Mais tarde, já no período helenístico entre os séculos I e II, o Cuidado de Si seguiu a noção de uma fragilidade inscrita no corpo do indivíduo, e passou a ser compreendido como um afastamento necessário da política. A ética, ou a relação consigo mesmo, passou a ser colocada acima da política, e o cuidar de si tornou-se mais importante do que se dedicar a cuidar dos outros.

Finalmente, no período entre os séculos IV e V da nossa era passa a imperar uma ascética cristã. A constituição da moralidade cristã baseia-se na renúncia a si como forma de salvação. O indivíduo deixou o seu corpo para a medicina e a sua alma para a religião. Nesse momento histórico surgiram as instituições de seqüestro, e para Foucault (2004), foi na ruptura da pastoral cristã que o poder passou a ser mais repressivo que afirmativo. Assim, o indivíduo moderno constituído pela norma e pela disciplina, não tem no seu processo de constituição uma relação consigo mesmo, pois as regras impedem que tal relação ocorra. Então, o indivíduo moderno é sujeito de uma identidade que entende como própria, mas que é o resultado dos mecanismos do poder normalizador.

Atualmente, ainda seguindo esse modelo educacional, é que está sendo formado o futuro professor-artista, o que nos leva a pensar a necessidade de experiências que permitam uma constituição diferente de cada indivíduo.

Uma proposta com formas não tão rígidas é o processo colaborativo surgido nos anos 90. Esse processo traz criações coletivizadas que propõe um discurso criativo da cena e a valorização da figura do ator na construção do objeto textual e nos rumos da encenação. Para Antonio Araújo (FISCHER: 2003), o termo ‘processo colaborativo’ é o compartilhamento da criação pelo dramaturgo, diretor, ator, os outros criadores, sem uma hierarquia nessa criação. O diretor não é mais importante que o dramaturgo, o dramaturgo não é mais importante que o ator e assim por diante.

No processo colaborativo cada indivíduo assina sua função, mesmo que todos discutam os aspectos relativos ao trabalho dos outros, pois quando é necessária uma decisão final numa polêmica cada um responde por sua respectiva área, dando a ‘palavra final’. Esse processo criativo, segundo Carreira (2003), direciona o ator para um diálogo mais imperativo dentro da criação do texto e do conjunto do espetáculo e dão ao ator uma voz-embrião no surgimento de um gesto coletivo definindo diferenças das iniciativas criativas tradicionais. Assim, surge a idéia de um ator ‘propositivo’, que para Araújo (Fischer: 2003) faz desse ator um ator que pensa e que discute os rumos do trabalho. De um executor de papéis ele passa a fazer parte da discussão da totalidade do

espetáculo, daquilo que se quer ver em cena, coletivamente. Fischer (2003), afirma que os atores do grupo são autogestores e se apropriam de diferentes funções de uma produção cênica.

Então, no processo colaborativo surge a possibilidade de uma vivência diferenciada na formação do futuro professor-artista se contrapondo a experiência de sujeição do modelo da educação moderna. Nossas instituições escolares, ainda criam regras e identidades que impedem uma relação consigo mesmo. A prática do processo colaborativo promove experiências onde nem sempre a relação com o outro é determinada pela regra. Muitas vezes, são apenas considerações que se estabelecem no grupo podendo promover uma constituição desviante na elaboração de si mesmo do futuro professor.

O nosso desafio na educação hoje, é pensar uma construção autônoma de si. Especificamente a construção do educador, pois como afirma Gallo (2006), este precisa adestrar-se a si mesmo, construir-se como educador, para que possa educar, preparar ao outro para que adestre-se a si mesmo. Apenas se emancipando, exercitando a si mesmo, o educador poderá estar apto para um processo de subjetivação que insista em que cada um eduque-se a si mesmo. O jogo da construção da liberdade só pode ser jogado como um jogo coletivo de mútuas interações e relações, pois as ações de uns implicam em ações de outros. Um jogo em que uns se fazem livres aprendendo da liberdade dos outros, em que uns se fazem livres na medida em que ensinam a liberdade aos outros.

A estética da existência na atualidade aponta para uma subjetivação coletiva, para uma forma de vida ou para, nas palavras de Deleuze (1991), um devir minoritário, que encontra sua expressão na amizade.

Assim, nosso modelo educacional e suas instituições modernas que foram construídos como espaços de subjetivação pela sujeição, só podem se transformar, segundo Gallo (2006), através de práticas desviantes. É então em práticas diferentes das experiências de liberdade do cotidiano da escola, é inventando uma prática educativa que toma como princípio ético a estetização da existência, que reside a possibilidade de resistência e criação, pois como afirma Koudela (2006), a arte é um meio para a liberdade, é o objetivo real e último de toda educação e longe de estar submetido a teorias, sistemas, técnicas ou leis, segundo Spolin (2003), é o ator, e aqui também o professor-artista, que passa a ser artesão de sua própria educação, aquele que se produz livremente a si mesmo.

NOTAS

Mestre em Educação, professora efetiva da Rede Pública do Estado de São Paulo e pesquisadora do Teatro na Educação. E-mail tsboy@ig.com.br

Referências Bibliográficas

- CARREIRA, André.; OLIVEIRA, Valéria.** Teatro de Grupo: Modelo de Organização Geração de Poéticas. In: O teatro transcende – Revista do 17º FUTB. Blumenau: 2003.
- DELEUZE, Gilles,** Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2ª ed., 1991.
- FOUCAULT, Michel.** A História da Sexualidade vol. 2 – o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 7ª ed., 1994.
- _____. A História da Sexualidade vol. 3 – o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 10ª ed., 1988.
- _____. Ditos & Escritos V. São Paulo: Editora Forense, 2004.
- GALLO, Sílvio.** Cuidar de si e do outro: implicações éticas para a educação dos últimos escritos de Foucault. In: GONDRA, José e KOHAN, Walter. Foucault 80 anos. São Paulo: Autêntica, 2006, p. 177-189.
- REVEL, Judith.** Nas origens do biopolítico: de vigiar e punir ao pensamento da atualidade. In: GONDRA, José e KOHAN, Walter. Foucault 80 anos: Autêntica, 2006, p. 51-77.
- SPOLIN, Viola.** Improvisação para o Teatro. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- KOUDELA, Ingrid D.** Jogos Teatrais. São Paulo: Perspectiva, 5ª ed., 2006.
- FISCHER, Stela Regina.** Dissertação de Mestrado: Processo Colaborativo: experiências de companhias teatrais brasileiras nos anos 90. Campinas: Unicamp, 2003.

